

Disciplina: A Arte da Crônica e do Conto - IEB0263 - USP - 2020

Docente: Fernando Paixão

Discente: Ana Luiza Defáveri Dias

Conto: Somos Sombra e Somos Luz

No início o céu era negro, sem estrelas e lua para iluminar a noite, Onoir, a Cidade Celestial vagava pelo espaço no mais profundo breu, guiada pelo barulho dos mortos, que estando fora do plano físico, tentavam voltar a terra.

Poucos são os que sabem como a cidade foi formada. Para muitos, ela apenas existia, seus moradores viviam felizes nela, quase não havia espaço para a tristeza... Porém assim como a tristeza, outros sentimentos naturalmente foram surgindo com o passar do tempo. Sentimentos positivos e negativos. E por um desses sentimentos a cidade antes feliz, arderia em chamas, voltando a ser apenas uma mancha negra no espaço. Entretanto, isso só aconteceria muito depois da criação das primeiras estrelas e planetas, alguns habitados e outros não.

—•••—

Havia um homem que a muito vagava no Deserto do Tempo, almejando encontrar a Cachoeira de Cristal, um lugar tão puro e bonito que seria capaz de curar os mais terríveis males da alma com apenas um respingo sobre a pele do indivíduo que se aproximasse.

Ao final daquele dia o andarilho do deserto chegou a cachoeira, ele não era enfermo físico. Ademais, sua alma continha medo. O medo de si mesmo.

"Tenho medo de mim mesmo." Disse o homem.

"E a que se deve tanto pavor?" Perguntou uma das Ziadris que guardavam um local.

"Minhas ideias, algumas são horríveis, demasiado cruéis..." Respondeu o viajante.

"Convive com ambas e saiba os limites." Respondeu a criatura de voz em eco.

"Mas... Vocês não podem fazer nada?" Insistiu o homem.

As criaturas semi transparentes feitas de energia cósmica se viram um pouco e conversam entre elas. "Tem um caminho." Elas falam sorrindo revelando assim seus dentes pontiagudos.

"Qual?"

"Te encarnar na Cidade Celestial e separar sua existência em duas. Assim, você não será mais uma pessoa, será dois indivíduos irmãos. Um será bom e outro ruim. Mas vocês nunca saberão quem é qual." Diz uma Ziadris.

"Após serem encarnados nascerão e viverão como mortais. Porém, suas habilidades e poderes não serão apagados. Pois assim como nós você é filho das Estrelas Maternais." Fala outra criatura.

"Vocês hão de passar pela vida e suas desgraças e quando ela se acabar, voltarão aqui e nos dirá quem foi o bom e quem foi o mal." Completa o ser sorrindo.

"Agora, durma e encarne-se." Diz uma das Ziadris tocando a fronte do viajante. Ao passo que este caiu no chão e logo desmaterializou-se indo para o plano onde os mortais vivem sem conhecimento de suas origens.



Das dúvidas dos mortais, estes formularam explicações. Mais tarde essas explicações foram nomeadas religiões. As primeiras tinham muitas entidades superiores que continham aspectos antropozoomórficos, aspectos animais e humanos. As segundas tinham entidades superiores de aspecto antropomórficos, apenas os aspectos humanos.

Com o passar do tempo, os deuses criados pelos humanos, deixaram de ter um caráter mundano, com todas as tentações e prazeres que só poderiam desfrutar com um corpo físico.

Os deuses agora eram um só, sendo este o coletivo desejo humano de ser o que jamais seriam. O novo deus idealizado pelos humanos havia os criado sua imagem semelhança. Ele não mais tinha tentações carnis. Era bom, puro, imaculado. Tudo o que a humanidade nunca seria.



Foi em uma noite de tempestade com raios e trovões que Tereza Zarabastris pariu sozinha de seu ventre, gêmeos. O primeiro nasceu magrinho e tinha belas feições, em suas costas, pequeninas protuberâncias que mais tarde formariam três belos pares de asas. Tereza o chamou de Eciflúr. O segundo nasceu com o peso de um bebê normal, tinha feições igualmente belas aos olhos da nova mãe. Tereza o chamou de Icrost.

O tempo passou, os gêmeos cresceram e Tereza morreu de sífilis, devido a profissão inglória aos olhos do Senhor.

Eciflúr se tornou Mirafes, um grupo formado por anjos, criaturas aladas, que desbravavam a escuridão do céu. Icrost se tornou Fentä, um líder religioso. Ambos, depois de adultos, tiveram seus pares românticos e seus descendentes.

Os conflitos entre os irmãos surgiram quando a primeira filha de Eciflúr nascera.

Icrost tinha inveja da menina, que por motivos aqui omitidos, tinha uma melhor e maior capacidade de criação que ele.

Ela, juntamente com seu irmão, o segundo filho de Eciflúr, fizeram alguns dos mundos existentes para além da Cidade de Onoir. Que já não mais vagava solitária na escuridão do espaço. Agora da cidade era possível ver estrelas e luas as quais clareavam a noite escura, e planetas muito mais majestosos que aquela cidade.

—•••—

"Icrost, você sempre foi tão amado e eu, o autor de todas as mazelas. Mas para você nunca bastou minha má fama apenas cidade onde nascemos não é? Você se fez Deus de muitos lugares e raças criados por meus filhos. Me colocando como o lado ruim da história. Porque a culpa pela falha dos mortais tem que ser de alguém. Alguém tem que ser o demônio da sua história. Pois bem, vamos ver como sou ruim e você bom... Isso é o que você, irmão, faz nessa busca frenética por poder, para se tornar cada vez mais poderoso e ser um deus mais abrangente no universo. Foi assim que você levou minha filha suicídio e meu filho a ser um ermitão." - Eciflúr fala com o ódio claro em sua voz.

"Eciflúr, se eu fiz tudo o que você irá me acusar, você também o fez, pois somos um só, não se lembra?" - diz Icrost por fim.